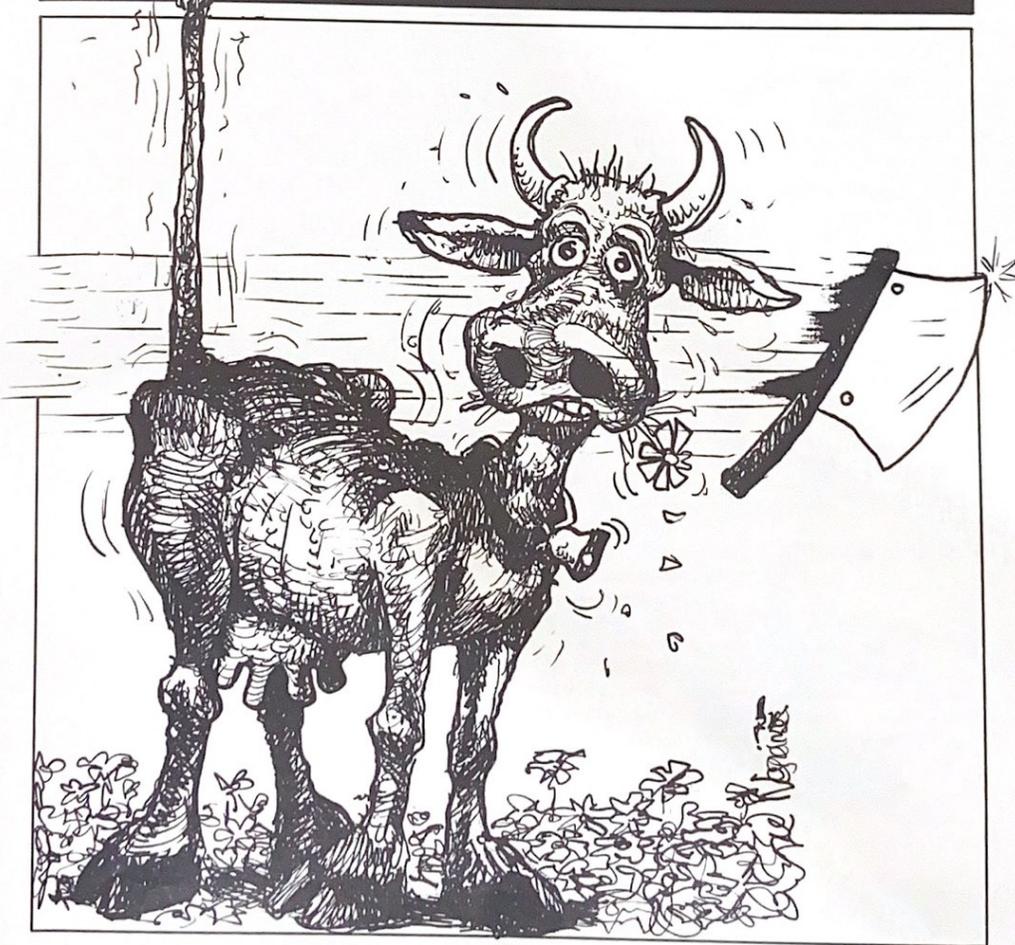


# CARNE

TODOS CONFESSAM:  
ERRAMOS



O controle governamental da comercialização não saneou o mercado: provocou as distorções.

Com o agravamento progressivo da crise brasileira no abastecimento da carne bovina e considerando a importância do produto para os consumidores e supermercados, Superhiper foi procurar informações sobre as origens do problema. A intenção era descobrir eventuais falhas no sistema de produção e distribuição, que justificassem a permanente falta do produto nos pontos de venda e a alta constante de seu preço.

Após intensa pesquisa, realizada em todo o território nacional, chegamos à conclusão de que a atual crise da carne estrutura-se num sem número de distorções, ao qual todo o processo de produção, abate e comercialização foi relegado.

É claro que algumas medidas, recentemente anunciadas no "saco agrícola", demonstram uma mudança na política econômica. Mas não são duas ou três medidas que sanearão o mercado. A situação é intrincada e o nó não é fácil de desatar.

A nova política se propõe a dar prioridade à pecuária e à agricultura. Isso transparece em todas as declarações oficiais. Mas nós nos perguntamos até que ponto se pode chegar com esta prioridade à agropecuária, se o IBGE continua considerando um rebanho de 100 milhões de cabeças, quando os pecuaristas asseguram não existirem mais do que 65 milhões; se o preço do dianteiro continua 70% mais baixo que o do traseiro, favorecendo as empresas multinacionais que industrializam a carne para exportação; se 40% da carne vendida no país continua vindo de frigoríficos clandestinos, sem controle sanitário ou fiscal; se persiste um déficit de pastagens que obriga à comercialização do boi magro para posterior engorda; se utilizamos as técnicas mais primitivas de produção, porque os pecuaristas e frigoríficos não confiam no retorno dos

investimentos; se "rebanhos fantasmas" continuam pagando passagens à Europa através de incentivos e créditos oficiais etc.

Ainda assim, ou talvez porque tudo isto não seja tão aparente, uma esperança pode ser percebida nos mais diversos subsetores que compõem a atividade agropecuária: do produtor ao consumidor, espera-se a solução da crise. Para tanto, em primeiro lugar é preciso vencer a absoluta falta de informação do setor. Não existe nenhuma pesquisa tratando da carne, da criação do boi até o consumidor final; não existem estudos globais de mercado. As inúmeras informações parciais, os gráficos e as tabelas — restritos a uma determinada região ou a uma determinada parte do processo — são conflitantes entre si, em sua maioria.

Destes, os dados oficiais são os mais desacreditados entre os pecuaristas e comerciantes, porque "não se baseiam em condições objetivas e não consideram fatores excepcionais, mas são frutos de projeções e estimativas", afirma José Mário Junqueira de Azevedo, presidente da Associação dos Criadores de Nelore.

Em segundo lugar, é preciso corrigir as distorções de mercado provocadas, em parte, pela atuação restritiva do governo durante vários anos e, em parte, pela já mencionada falta de informação. Apenas este ano, por exemplo, o governo veio a preocupar-se com a retenção de matrizes para recuperação do rebanho nacional, quando desde 1970 já havia um estudo prevenindo quanto a esta necessidade.

O trabalho foi desenvolvido por Alberto Chap Chap, atual presidente da Comissão de Pecuária de Corte da Confederação Nacional da Agricultura, e mostra que em 1970 se abatia um total de 8 milhões e 300.000 fêmeas anualmente, e se produzia cerca de 7,5 milhões. Desde esta época, portanto, já era pos-

sível prever uma redução drástica na oferta de bois para abate em 76 e 77 (considerando-se um ciclo pecuário de 7 anos), mas não foi tomada nenhuma providência.

A liberação da importação de carne quando havia excesso de oferta no mercado interno, apenas para "punir" os pecuaristas "especuladores" ou a exportação da carne resfriada e congelada, no mesmo ano em que se importava esta mesma carne, praticamente em igual quantidade (1977, segundo relatório da COBAL), são outros exemplos que caracterizam as citadas distorções e a participação pouco consciente das áreas governamentais no setor.

Porém, não se pretende aqui fazer apenas acusações. Também não se têm soluções milagrosas. Estão relacionados, somente, os inúmeros problemas encontrados, os erros, as causas, as consequências e cada sugestão mencionada pelos entrevistados de Superhiper. O resultado do trabalho, espera-se, deve ser minuciosamente conferido por todas as áreas interessadas. ■

